

## **CONTRIBUIÇÕES DURKHEIMIANA À CONSOLIDAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: A QUESTÃO ANTROPOLÓGICA**

José Roberto de M. Ferreira<sup>1</sup>

Adjair Alves<sup>2</sup>

### **Resumo**

É sempre um desafio falar sobre os clássicos, sobretudo quando se pretende enfatizar sua importância para o campo das ciências sociais. No presente texto daremos destaque à antropologia e a contribuição Durkheimiana à sua consolidação; pensador que ao lado de Karl Marx e Max Weber, é visto como referência principal para a pesquisa social como objeto de reflexão acadêmica. Herdeiro do legado de Auguste Comte, e sua física social, Durkheim foi o primeiro a exercer a cátedra universitária da disciplina sociológica. E assim levou adiante o desafio de construir uma ciência que entendesse e explicasse a sociedade moderna.

**Palavras-Chave:** Antropologia. Durkheim. Social. Sociologia

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela UPE/Garanhuns e Mestrando em Antropologia pelo PPGA/UFPE.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pelo CFCH/UFPE; Mestrado e Doutorado em Antropologia pela PPGA/UFPE. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco.

## **1. Aspectos Essenciais da Teoria Durkheimiana**

A vida, assim como os escritos de Émile Durkheim, está situada no mundo pós-revoluções, Francesa e Industrial. E é sobre esta sociedade formada por mudanças e conflitos sociais que sua teoria vai refletir, mas não necessariamente ficar presa, como um paradigma que se esgota à sua época. Se tais revoluções anunciam a emancipação dos indivíduos por um lado, por outro sugere a necessidade de explicar as mudanças sociais e os conflitos aí envolvidos, bem como o isolamento das pessoas nas cidades e o processo migratório que teve ocasião com o processo de industrialização desta sociedade. As cidades seguem aglomerando pessoas e crescendo cada vez mais, ao passo que os indivíduos se emancipavam e tinham como paradigma social a inserção no mercado, pautando suas escolhas pelo consumo.

Influenciado por Saint-Simon, assim como por Comte, Durkheim buscava entender o processo de mudança social como provido de um progresso intrínseco à evolução da sociedade. Uma vez que era comum a tais autores pensarem que a humanidade avança para um aperfeiçoamento, apesar das mazelas e conflitos nos quais estavam inseridos. Durkheim acreditava na inevitabilidade do progresso e da melhoria social. A sociedade sendo governada por um progresso que inevitavelmente conduz a processos de mudanças, e trazia questões que se apresentavam como desafios postos para suas formulações teóricas. Em certo sentido a produção de Durkheim é considerada positivista, mas por outros, o autor supera esta perspectiva, principalmente em suas últimas obras.

Embora esteja situado em um período em que as influências do evolucionismo são evidentes, o criador da sociologia científica se posiciona de forma contestatória a algumas das principais teses deste paradigma explicativo. Assim como outros autores de sua época, o paradigma predominante era provindo de uma Europa que havia passado pelo Iluminismo. E

tinha como premissa formular um conjunto de sistemas explicativos que dessem conta da realidade de forma objetiva e imparcial. Sendo assim, a objetividade metodológica se fazia imprescindível a esta concepção de ciência. Mesmo por que, para muitos autores do século XIX, as ciências humanas poderiam operar com a mesma lógica das ciências biológicas ou da natureza.

Como enfatiza Tania Quitaneiro (2002: 68) “Durkheim recebe também a influência da filosofia racionalista de Kant, do darwinismo, do organicismo alemão e do socialismo de cátedra.” Mas seu pensamento não é apenas construído por estas influências, muito menos encontra-se preso às influências de idéias dominantes de seu tempo histórico. Como exemplo pode ser citado o seu combate à teoria evolucionista de Herbert Spencer. Na concepção deste último “a cooperação é o resultado espontâneo das ações que os indivíduos executam visando atender a seus interesses particulares” (Idem; p.68). Durkheim, por sua vez, entendia que a consciência social e coletiva se sobrepunha às atividades e interesses individuais. Concebia, desse modo, as ciências sociais como a forma de explicação lógica racional das sociedades. Neste ponto, ele comunga com os autores de seu tempo pelo fato de que em seu pensamento, como nos demais, isto é; Marx, Comte e Spencer, “a evolução não surge em respostas às pressões de seleção imposta pelo meio ambiente, mas através de uma dinâmica social interna” (LAYRTON; 1997:38.).

Quando comparado aos trabalhos teóricos de Karl Marx, pode-se acentuar diferenças significativas, na própria maneira como cada um concebe a sociedade e a ciência sobre a qual cada autor ira se deter. Em Marx (1977) evidencia-se as relações materiais de produção das sociedades; sendo característico de seu pensamento entender as relações sociais constituídas por um conflito intrínseco ao processo de produção, que se apresenta como dialético. As relações sociais e de poder constituem-se enquanto relações conflituosas, e a temática do capitalismo e do

imperialismo, presente em seus escritos, ajudam a pensar as relações desiguais ou de dominação entre as sociedades baseadas nas diferenças de suas condições materiais de existência. Embora entenda que a sociedade da qual fazia parte estivesse em uma fase avançada das formas de produção, o que pode ser entendido como concepção etnocêntrica, este autor é enfático na crítica ao modelo de produção europeu de sua época: o capitalismo.

Durkheim é mais eficaz no campo das ciências sociais e particularmente na sociologia. Enquanto Marx pode ser entendido como um pensador da economia política. Não é sem razão que a teoria durkheimiana, em certo sentido, é caracterizada como funcionalista. Desta forma entendia que a sociedade não é apenas mera soma de indivíduos, mas os supera. E as funções das instituições era manter o equilíbrio e funcionamento social. Dessa maneira o conflito não é enfatizado e as relações de classe vistas, apenas, como agrupamento social, não instigando o antagonismo de classe como em Marx. A sociedade, para Durkheim, funciona sempre superando os conflitos e vontades individuais, por haver uma consciência maior e exterior aos indivíduos.

Essa idéia de consciência social e equilíbrio, ou harmonia social é uma forma de contestação de modelos explicativos anteriores aos seus, mas também foi objeto de crítica em outras épocas, e especificamente no campo da sociologia, a exemplo de Max Weber que expõe os princípios positivistas da ciência sobre a qual teoriza, fazendo um contraponto as abordagens anteriores.

Assim como Durkheim, Weber (1999) problematiza, sobretudo, a superestrutura social, os valores coletivos, a fim de entender a subjetividade coletiva. Mas em Weber o objetivo consiste em entender aquilo que ele identifica como ‘o sentido subjetivo da ação social’. Concebendo o indivíduo como “unidade social”, este autor estabelece tipologias analíticas, e sua singularidade reside, sobretudo, no fato de enfatizar a compreensão sociológica da ação social, donde formula a sociologia compreensiva, cujo fim é entender os significados

atribuídos à ação dos sujeitos. Embora Weber trabalhe, também, com a superestrutura social, reage contra os princípios de Comte e do determinismo positivista. Dessa forma reage, igualmente, a concepção de objetividade dos fatos sociais. Neste sentido o que Weber faz é muito mais trabalhar sobre uma ciência já formulada, sobretudo por Durkheim, isto é, vai trabalhar sobre princípios teóricos metodológicos por este constituído anteriormente.

Assim poderíamos dizer que, não seria um absurdo aproximar as abordagens destes três grandes teóricos das Ciências Sociais, uma vez que, embora haja princípios teóricos antagônicos, as posturas epistemológicas se complementam. Se Marx percebe a sociedade funcionando em torno das relações de poder e luta de classe a partir da acumulação primitiva, Durkheim entende o seu funcionamento como mantido pelas relações institucionais. Enquanto o primeiro prensa pela lógica do conflito social de classes e entre indivíduos, o segundo busca os elementos gerais comuns e coletivos que matem a unidade social. São teorias antagônicas e ao mesmo tempo, como um paradoxo, se complementares; por enfatizarem aspectos distintos e negligenciados, de certo modo, mutuamente. E em relação a Weber, o micro e o macro se complementam, se este enfatiza o sentido subjetivo da ação social fazendo dos indivíduos a unidade e princípio da sociedade; a Durkheim é caro o fato de entender que a sociedade é mais que a mera soma de indivíduos. Se um tenta compreender o particular partindo dos significados atribuídos pelo agente social, o outro quer explicar os elementos constitutivos e recorrentes da vida social e seu funcionamento, enquanto conjunto de instituições que formam a sociedade.

## **2. A herança antropológica durkheimiana.**

Durkheim contribuiu não só para a consolidação da sociologia, mas também para a formação das ciências sociais

como campo teórico. Embora não possa ser negada a contribuição inestimável dos demais teóricos. François Laplantine (2007) entende que a formulação da teoria antropológica, enquanto sistematização da teoria social se deve a escola sociológica francesa. Boas e Malinowski, embora etnógrafos geniais, deixavam a desejar no que diz respeito ao quadro teórico, e coube a Durkheim e Mauss formularem o arcabouço teórico que permitiu a antropologia elaborar instrumentos operacionais que permitem construir um verdadeiro objeto científico. Se o social, enquanto fenômeno social passível de ser interpretado tem uma autonomia e lógica intrínseca foi Durkheim que sinalizou para este aspecto ao conceber os fatos sociais como “coisa”.

Segundo Claude Lévi-Strauss (1993) que dedica um capítulo chamado “O que a etnologia deve a Durkheim” em seu livro *Antropologia Estrutural II*, em sua primeira fase, este autor, desconfia da etnologia e recomenda em “*Les Règles*” que os sociólogos devem tomar como matéria principal de suas induções as sociedades cujas crenças, tradições, costumes e direito tomaram forma em monumentos escritos e autênticos. Em sua primeira fase sua maior preocupação sem dúvidas era a formulação da sociologia e a rigorosidade do seu método. Mas Lévi-Strauss afirma ainda que “é claro que algo mudou, entre o período de formação que cobre os dez últimos anos do século XIX e a adesão entusiasta à etnografia, em 1912, pala introdução às *Formes élémentaires de La vie relieuse* (Idem: p. 53).

Em trechos de sua respectiva obra afirma que “as observações dos etnógrafos se constituíram, frequentemente, em verdadeiras revelações que renovam o estudo das sociedades humanas” (DURKHEIM, Apud; LÉVI-STRAUSS: 1993: 53). Desta forma é evidente um reconhecimento da importância dos dados etnográficos. Muito embora saibamos que nunca tenha estado no campo de pesquisa, ou seja, feito pesquisa etnográfica, em termos de teoria etnológica a contribuição de Durkheim é imensa.

Há uma espécie de guinada em seu pensamento, se em um momento desconfia da produção etnográfica, noutra rende elogios e a prestigia. Em grande parte se deve ao fato de sua primeira fase, no que diz respeito à produção sociológica, está ligada a concepção de produção científica dos historiadores, principalmente a de Fustel de Coulanges que foi seu professor e exerceu grande influencia em suas obras. Mas posteriormente a fim de analisar as produções que estivessem ligadas a sua temática não pode negligenciar que os relatos etnográficos contestavam em muitas teorias até então consagradas. A causa principal disto está, certamente, na mudança que a fundação de *L'Année Sociologique* impôs aos métodos de trabalho e suas leituras. Esta revista que Durkheim assim como seu sobrinho Marcel Mauss organizavam tinha pretensões ambiciosas e no início do século XX com sua consagração o que se produzia de importante em termos de ciências sociais não passava despercebido ou almejava nela esta presente.

A história desta revista é de fundamental importância para a formação das teorias sociais. E se tornou um marco representativo da escola antropológica francesa. Sua fundação se deve a Durkheim e com seu falecimento em 1917, Mauss dera continuidade, de forma que a mesma configura-se para a sociologia e antropologia com o mesmo peso que a Escola dos *Annales* possui para os historiadores no século XX; um marco de referência. Dessa forma pode-se compreender que os dois autores fundaram Escola e influenciaram as primeiras produções etnológicas e etnográficas que foram buscar seu referencial na França deste período.

Segundo Claude Lévi-Strauss:

Ao resolver, julgar e comentar, em nome de suas doutrinas, tudo o que aparecia no mundo como literatura sociológica, Durkheim não poderia deixar de tomar contato com os etnógrafos ditos de “de campo”: Boas, Preuss,

Wilken, Hill-Tout, Fison e Howit Swanton, Roth, Cushing, Hewit, Strehlow, Spencer e Gillen, etc. são revelados enquanto sua desconfiança inicial era inspirada por compiladores ou teóricos como Wundt, Mannherdt, Hartland e Tylor. (LÉVI-STRAUSS, 1993: 53)

Mas há trabalhos feitos pelo próprio Durkheim que estão nos primórdios da antropologia, e mais especificamente na teoria etnológica. Como *Ia Prohibition de l'inceste* e o consagrado *I'Essai sur quelques formes primitives de classification*. Trabalhos que se toraram clássicos da teoria antropológica. Mas sua contribuição nessa direção não se restringe aqui, há, pois uma série de resumos que foram produzidos no *I'Année Sociologique* que embora não tenham chegado ao Brasil, até por uma questão de tradução, mas sabemos que não são poucos seus escritos. E ainda Lévi-Strauss (1993) afirma que a dívida com tal autor é grande, e gostaria de ver os resumos que foram disseminados quando estava na direção da revista francesa, publicados juntos para formarem uma coletânea daquilo que podemos chamar de textos consagrados de etnologia.

Segundo Robert Layton (1997) Durkheim antecipou teoricamente, também, o conceito e o valor da observação participante, técnica determinante na investigação antropológica. *Para ele os factos sociais não podem ser estudados através da introspecção teórica* (LAYTON; 1997:36). Dessa forma sua 'etnologia' se antecipa e possibilita a construção do método consagrado da antropologia, a observação participante. Em relação, ainda, ao procedimento metodológico acreditava que *os fenômenos sociais não podem ser controlados experimentalmente, o único método científico apropriado para o trabalho do cientista é o comparativo* (*Idem*: p 37).

Partindo do pressuposto de que aquilo que designava por impulsos psicológicos era comum a toda a espécie humana, fazendo parte da nossa constituição física, dessa forma não podia recorrer-se a esses impulsos para explicar a diversidade das



sociedades humanas. E para explicar a diversidade nas sociedades pretendia empreender uma sociologia comparativa, o que pode ser interpretado como fundamento para uma antropologia social. Sua ambição era explicar as variações e diferenças sociais, mas tendo como pressuposto básico de que as sociedades possuem leis gerais comuns, buscar entender estas leis era desafio para sua teoria. Sendo assim o aspecto social e simbólico se sobressaem em suas obras, uma vez que o mesmo partia da idéia de que o que ocorre na sociedade tem causa social, e encontra-se para além da vontade espontânea dos indivíduos. Dessa forma, a exterioridade dos fatos sociais e a coerção que esses exercem sobre as representações sociais, constituem-se aspectos de fundamental importância para ele. O coletivo se impõe ao individual, e as manifestações sociais são entendidas como autônomas. Esse pressuposto é caro à antropologia para formular os aspectos simbólicos, se entendermos que as manifestações culturais são representações simbólicas que ressoam nas representações individuais, mas exteriores a elas.

### **3. As incursões durkheimiana sobre o fenômeno religioso.**

É em seu livro “As Formas Elementares da Vida Religiosa” que Durkheim mostra sua face mais antropológica. Trabalhando com dados etnográficos de outros pesquisadores e questionando a tese evolucionista de Fazer, ele concebe a religião como sistema social. Sua postura, quando afirma que nem uma religião é falsa, pois todas correspondem a condições dadas de uma sociedade, contesta a visão de que o cristianismo era a religião mais complexa e, portanto, reage a concepção etnocêntrica dominante na visão evolucionista da Europa de seu período.

A religiosidade na perspectiva durkheimiana emana das práticas sociais se revelando um aspecto essencial e permanente da existência humana. Um fenômeno que exprime o homem, pois é um fenômeno humano, portanto social. Segundo Edmund Leach (1996), em sua obra *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, para Durkheim *as ações sociais se situam num continuo entre o profano e sagrado, entre os dois pólos figuram a maioria das ações humanas parcialmente sagradas e parcialmente profanas* (p. 31). Por sua vez, segundo Adam Kuper (1978: 73), o que tal autor queria era explicar que *a essência da religião é a concepção do universo como ordem social, isto é, moral*. Isso demonstra o fato de Durkheim buscar entender este fenômeno como revelador da unidade social, vetor e condutor da moralidade. Manifestando e exprimindo a solidariedade, e consolidado a consciência coletiva de um determinado grupo social. Michel Maffesoli (2005: 95) afirma que *é para reviver o sentimento que tem de si mesma que uma sociedade, segundo a expressão de Durkheim, se põe em estado de congregação*.

Nas manifestações sociais tanto os deuses quanto o Totem são entendidos como fonte de unidade social, identidade comum de um grupo social. Um fato curioso é quando Durkheim faz menção ao cristianismo para demonstrar que tanto Deus, quanto o Diabo exprime ideais de ser e não ser. A religião dessa forma encontra-se ligada a valores morais. Nesse sentido nem mesmo sua sociedade esta fora de sua analogia.

Ainda em sua obra mais consagrada e aprimorada de seus estudos, sobre as formas elementares, Durkheim vai fazer uma análise epistemológica da religião, e desconstruir vários equívocos. Começa combatendo a ideia de que a religião está ligada à divindade, e afirma que há grandes religiões sem divindades, como o budismo que dispensa a ideia de um deus como salvador, também, não é a cerca do sobrenatural que se forma a religião, pois esta é anterior à compreensão de sobrenatural.

Ao fundar e instaurar uma normalidade no mundo a religião possibilita a compreensão do sobrenatural. E é justamente na normalidade social que a religião interfere. Pois coage os indivíduos para os padrões comportamentais e consolida a solidariedade mecânica ou orgânica da sociedade. Solidariedade mecânica esta lidada a sociedades menores e elementares onde se caracterizam por serem de pequena escala populacional, e a unidade social é máxima, e o totem consolida essa unidade. E solidariedade orgânica é a unidade social das sociedades ditas de larga escala, onde apesar das mudanças e dinâmicas ainda há um conjunto de valores comuns, que regulam e coagem os indivíduos. E dessa forma a religião assim como a linguagem é ontologicamente precursora dessas formas de solidariedade. Por serem exteriores e anteriores ao indivíduo. Dessa forma só podendo ser explicadas se tomadas em seu sentido social, e não pela consciência de indivíduos. Uma vez que nas consciências dos sujeitos estes fenômenos estão presentes como representação, apenas, não sendo apreendidas em sua totalidade.

Na compreensão de Durkheim (1996: 28) *não encontramos na história, religião sem igreja*. Isso demonstra como para ele a mesma era uma manifestação ritual da sociedade. Um fenômeno coletivo, portanto. Este autor entende ainda que para fins analíticos a religião deva ser conceituada como manifestação social. Fundada em dois preceitos básicos a crença e os ritos; a crença estando dividido em dois pólos antagônicos e oposto, o sagrado e no profano.

#### **4. Os herdeiros de Durkheim no campo da Antropologia**

Há sem dúvidas uma influência marcante do pensamento social de Durkheim na França, e de forma acentuada nas obras de Marcel Mauss e Henri Hubert, que segundo Lévi-Strauss (1993),

coube a eles esclarecer o pensamento do mestre, quando, no *Essai sur le sacrifice*, eles começam a substituir a oposição entre etnologia e história. Na obra de Thomas Hylland Eriksen e Finn Sivert Nielsen (2010) intitulada *História da Antropologia* há um capítulo que se refere aos “Quatro pais fundadores” e aparecem Franz Boas, Malinowski, e Radcliffe-Brown e Mauss. A estes, os respectivos autores atribuem o título de pais fundadores da antropologia.

Conforme assinala Lévi-Strauss (1993: 56):

Nada é mais emocionante e convincente do que decifrar esta mensagem por meio da obra de Radcliffe-Brown a quem – ao mesmo tempo que a Boas, Malinowski e Mauss – a etnologia deve no final do primeiro quarto deste século, a conquista de sua autonomia. Ainda que inglês, e herdeiro, portanto, de uma tradição intelectual com a qual se confunde até mesmo a história da etnologia, é para a França e Durkheim que Radcliffe-Brown se dirige, quando empreende fazer da etnologia, até então uma ciência histórica ou filosófica, uma ciência experimental comparável às outras ciências naturais: esta concepção, afirma ele em 1931, não é de modo algum nova. Durkheim e a grande escola de *I'Année Sociologique* defenderam-na antes .

É notória a influência que Mauss recebe de seu tio. Este deu continuidade a empreitada do *I'Année sociologique*, depois da morte de Durkheim, um ano antes de terminar a primeira guerra mundial, época fecunda para a antropologia formatar seu campo, e mais ainda; não fosse à dizimação desses intelectuais provocada pela guerra. Quando Malinowski estava entre os Trobriand, Radcliffe-Brown ainda realizara pesquisa de campo na

África do Sul e Franz Boas formava sua primeira geração de antropólogos nos EUA, enquanto que na França, Marcel Mauss sistematizava e ampliava as teorias sociais que herdara (ERINKSEN, 2010: 62). Dotado de um conhecimento nos clássicos da filologia, refere-se em suas sistematizações aos autores acima nomeados, também recebera influência da história cultural. Mas de maneira geral não fugiu da idéia de que a sociedade com sua diversidade e sistemas sociais compunham um todo, não fugindo da visão durkheimiana de uma sociedade holística.

Há muitas semelhanças e continuidade da perspectiva teórica de Durkheim nas obras de Mauss, mas há mudanças também, sobretudo, na concepção de como era tratada a sociologia e a antropologia. O primeiro ver a etnologia como um ramo da sociologia, e ainda hoje na França se discute a autonomia da antropologia em relação à sociologia. Mauss, porém, privilegiava a perspectiva antropológica. Em 1924 escreve que “o lugar da sociologia está na antropologia e não o inverso” (LAPLANTINE; 2007:89). E junto com Paul Rivet vai lutar a vida inteira pela emancipação desta ciência.

Se Durkheim vai tentar consolidar a sociologia como ciência; reagindo a ideia de que os fatos sociais só eram explicáveis pela lógica do social e não pela psicologia ou outra ciência, Mauss (2003) vai tentar aproximar a compreensão dos fatos sociais com outras ciências. Nessa direção, segundo Laplantine (2007: 90), *um dos conceitos maiores forjados por ele é o do ‘fenômeno social total’, consistindo na interação dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético...)*. Dessa forma é visível, que de maneira geral, a herança do tio se faz presente, pois o mesmo vai teorizar sobre as bases estabelecidas por Durkheim, e com o campo de atuação delimitado por esse, foi concebível a Mauss entender a realidade social em sua totalidade integral. Sendo assim em sua concepção para compreender um fenômeno social total, é preciso apreendê-lo totalmente, isto é, de “fora” como uma “coisa”, mas também,

de “dentro” como uma realidade vivida. A antropologia aqui se faz presente na obra deste autor, se entendemos que o fato social é um dado, portanto objetivo, e uma representação, e os nativos atribuem significados aos fatos, uma vez que estes são multidimensionais e a visão de que vive o fato deve ser levada em conta.

É nessa atmosfera e com essas idéias que pretendeu sistematizar e abordar os estudos de Malinowski, sobretudo, no que diz respeito ao Kula. Sistema de troca que este último identificara a partir de seus estudos etnográficos entre os Trobriand e que rendera a Mauss, argumentos e subsídios para a formulação do conceito e teoria da *Dádiva*. Na concepção de Mauss; para a elaboração da teoria antropológica seria preciso que os dados etnográficos fossem sistematizados a ponto de permitirem fazer generalizações, do particular, para o geral. Como ele teria feito com o Kula; um registro do sistema de troca que o permitiu fazer uma teoria geral que resultou no “Ensaio sobre a Dádiva”. Dessa forma começa a extrair de leis da reciprocidade (dom e contra dom) e da comunicação, que são próprias da cultura em si, e não apenas da cultura trobriandesa. (LAPLANTINE, 2007: 92).

A noção de Mauss sobre a teoria antropológica permite-nos dividir a pesquisa em três níveis: *etnografia, o estudo detalhado dos costumes, crenças e da vida social; etnologia, o estudo empírico da comparação regional; e a antropologia, o esforço teórico-filosófico de generalizar sobre a humanidade (Idem: p. 63)*. Embora não tenha feito trabalho de campo, como o tio, sua formação permitiu reconhecer que não seria possível generalizar sem os dados etnográficos. E em suas graduações no Institute Of Ethnology, que por ele foi fundado em 1925 dava grande ênfase as questões metodológicas.

A influencia de Durkheim perpassa as obras de Mauss e, o próprio Lévi-Strauss não esta isento destas influencias, pois *a primeira análise estrutural apareceu em 1903, quando Durkheim e Mauss, publicaram um estudo da Primitive Classification*

(*Durkheim e Mauss 1963*) no qual tentavam reconstruir a origem do pensamento lógico na consciência coletiva das primeiras sociedades (LAPLANTINE, 2007: p. 89). A lógica estrutural, ainda que de forma incipiente já estivesse presente em suas obras, coube a Lévi-Strauss levar adiante o projeto que iria empreender a Escola Estruturalista; complementando às influências de Durkheim a lingüística de Saussure e Roman Jakobson.

Mas a teoria de Mauss, de que a troca perpetua as relações sociais, teve, também, forte influência na obra de Lévi-Strauss, embora este defenda que a estrutura criada por esse tipo de atividade é, ela própria, determinada pela estrutura do pensamento humano. É evidente a importância que a teoria da reciprocidade tem para compreender o parentesco. A diferença básica entre a teoria formulada acerca da estrutura é que Durkheim e Mauss tinham atribuído à origem do pensamento lógico à experiência da estrutura dos segmentos de uma sociedade composta, mas Lévi-Strauss utiliza estas hipóteses de uma forma inversa, defendendo que é a estrutura da cognição humana que gera a estrutura das relações sociais.

Quem vai levar a sério o pressuposto de que a estrutura é formada pelos segmentos da sociedade é Radcliffe-Brown (1950). Em sua obra *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento* entende a estrutura como a organização social, e as redes sociais possibilitando as interações sociais. O caráter da estrutura empírica que fora formulado por ele foi muito contestado, e debatido no contexto da Escola antropológica inglesa, mas o caráter internacional e estrutural da sociedade é de influência francesa, particularmente, Durkheimiana.

## **Considerações finais**

A influencia de Durkheim à constituição das ciências sociais é incomensurável, pois as ciências que o receberam estão atuando e revisitando suas obras. Seria uma lacuna falar da história das ciências sociais sem mencionar seu nome. Dessa forma sua leitura se faz obrigatória no processo de formação desta área de conhecimento. Revisado ou questionado Durkheim é um clássico que não se esgotou. Lidando com temas ainda hoje atuais como a religião, o suicídio, a divisão do trabalho social, educação e teoria sociológica, bem como formulação de métodos e conceitos sociológicos, sua produção perpassa gerações.

Se em seu primeiro momento é influenciado pelo positivismo, no fim de sua vida volta-se para temas como a religião, reformulando sua própria visão acerca dos dados etnográficos. Dessa forma, em um primeiro momento, concebe que os fatos sociais deveriam ser tratados como coisa, sendo abordados exclusivamente pela sociologia. Tempos depois, revê esta posição e atribui valor aos relatos etnográficos contribuindo assim para a fundação da teoria antropológica. Sua perspectiva analítica influenciou teóricos que consolidaram a antropologia como ciência, a exemplo de Marcel Mauss e Radcliffe-Brown, considerados por Lévi-Strauss, ao lado de Boas e Malinowski, como aqueles que constituíram a antropologia como ciência, de fato.

Entendendo o fenômeno religioso como sistema social e vetor de unidade que exprime condutas e normas morais, Durkheim, mesmo em um tempo que o individualismo emergia, buscava entender a unidade social. Dessa forma elabora os conceitos de solidariedade mecânica, orgânica, e o de consciência social e coletiva. Buscando assim explicar, não como a religião é alienante, mas como ela traduz a sociedade, exprimindo e coagindo o homem. Mesmo se falando tanto em pós-modernidade, sociedade fragmentada, pulverização e crise dos valores morais, a teoria durkheimiana ainda é, sem dúvidas, útil para explicar as grandes manifestações sociais, como a religião se configura e como os indivíduos são coagidos por pressões e



valores sociais. Enfim, sua abordagem é indispensável para pensar o social, contribuindo para a autonomia das ciências sociais.

Há sempre a ideia de um Durkheim positivista ou funcionalista, mas suas obras vão além desses paradigmas explicativos, a exemplo de seu estudo sobre religião e o processo de classificação primitiva onde se vale de dados etnográficos e aponta para algo mais que o reducionismo funcionalista dos fatos sociais, reagindo inclusive contra seus primeiros escritos onde concebia os fatos sociais como coisa. Nesta perspectiva, se encontra preocupado com valores, subjetividade coletiva e ideias. Se alguns o acusam de negligenciar o caráter individual devido à concepção de que a consciência social e coletiva eram exteriores e maiores que os indivíduos, esquecem que este autor, ainda que de forma incipiente sinaliza para as representações, coletivas e individuais.

Mas de fato, em alguns aspectos, sua teoria precisava ser revista e contestada, a exemplo da concepção de que sagrado e profano eram categorias universais do pensamento humano, quando esta é a concepção da religião ocidental. Mauss, de certa forma, reformula certas questões apresentadas pelo tio. Também seria possível repensar a forma de como é concebida a religião, uma vez que, em suas obras, esta é reduzida à noção de sistema social. Dessa forma seria possível acrescentar que o caráter simbólico e cultural são essenciais, para a compreensão dos fenômenos sociais, como aponta Mauss.

## **Referências**

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. 17ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

FINN SIVERT, Nielson. THOMAS, Hylland Eriksen. **Historia**

*Revista Diálogos n.º 6 – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – UPE/Faceteg – Garanhuns/PE - 2012* 144

**da antropologia.** 4ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

LAYTON, Robert. **Introdução a teoria em antropologia.** Lisboa: Edições 70, 1997.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da alta Birmânia.** São Paulo: EDUSP, 1996.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

LÉVI-STRAUSS Claude. **Antropologia estrutural dois.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia.** 2ed. São Paulo: Zouk, 2005

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003

MARX. Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

QUITANEIRO. Tânia. Émile Durkheim. In: QUITANEIRO. Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Marica Gardênia de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2ed. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2002, p.67-106.

WEBER. Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. Volume 1 e 2.